HENRIQUETA
LISBOA

entenecimento

AULO, PONGETTI & CI

Enternecimento

HENRIQUETA LISBOA

Enternecimento

(VERSOS)

Alaíde Lisboa de Oliveira
B. H.

EMPREZA GRAPHICA EDITORA - PAULO, PONGETTI & CIA.
AVENIDA MEM DE SÁ, 78 - RIO - 1929

636-1966

DA AUTORA

Fogo Fatuo — versos — 1925.

Almas femininas da America do Sul — impressões de leitura (em preparo).

ALVORADA DE ROSAS

Tremulamente ao longe, em voluteios no ar,
sacode as asas o arrebol.
Hei de cantar, hei de cantar, hei de cantar,
até que venha o sol!

Notas de ouro a tinir rolam no espaço, ao léo,
como um riso de creança.
E estrellas, a morrer entre os braços do céo,
vão levar a outros mundos a esperança.

Poeira azul de illusões. Velas ao largo... Dessas,
ainda o rastro se vê de esteiras luminosas.
Estonteante certeza de promessas.
Alvorada de rosas!

Espanejando as plumas de ouro sobre o mar,
e como um pássaro o arrebol.
Hei de cantar, hei de cantar, hei de cantar,
porque ahi vem o sol!

Espumam taças de alegria. Seja
mentira tudo, que me importa?...
Entre o que a alma possue e o que ao sonho sobeja,
bemdigo a vida que me bate á porta!

Nevoas rasgadas pela mão do vento.
Tremem perfumes nas aléas mais tortuosas.
O amor que chega para o amor. Deslumbramento.
Alvorada de rosas!

A alma suspensa em luz no estandarte do olhar,
tambem sou luz deste arrebol!
Hei de cantar, hei de cantar, hei de cantar,
porque já veio o sol!

SERENIDADE

Serenidade. Encantamento.
A alma é um parque sob o luar.
Passa de leve a onda do vento,
fica a illusão no seu logar.

Vem feito flor o pensamento,
como quem vem para sonhar.
Gottas de orvalho. Sentimento.
Nevoas tenuissimas no olhar.

Tombam as horas, lento e lento,
como quem não nos quer deixar.
Extase. Vésperas. Advento.

Ouve! O silencio vae falar!
Mas não falou... Foi-se o momento...
E não me canso de esperar.

SOMBRA

E' verdade que tens uma sombra na vida.
E' bem verdade. Eu sei. Mas que me importa, a
[mim?
Não é por mim que te arde o coração em chammas?
Que importa o que já foi — uma flor resequida,
um beijo que se esquece, uma illusão, emfim?
Não se concentra no meu ser tudo quanto amas?...

Si eu tivesse chegado á hora dolente do ermo

em que a sós pela estrada esperasses alguem
— é tão commum ter que esperar! —
no abandono que faz de cada ser um enfermo,
então, sem definir o que de ti me vem,
eu poderia duvidar...

Uma sombra que passa
quando uma folha cae, quando escurece o dia,
quando a gente olha a chuva atravez da vidraça,
num gesto ingenuo de esperança ou de ironia,
a gente segue... a gente chama...
E nem sempre esta sombra é aquella de quem se ama...

Eu, porém, que cheguei quando estavas em festa,
embriagado de azul, tonto do ar que perfuma,
tendo sceptro e corôa como um rei,
— deste reinado antigo que é que resta? —
tenho a certeza de que mais nenhuma
poderia triumphar como triumphei.

Faço desta victoria a luz que a sombra esmaga
e ao sol ergo minha alma envolta em canto e em riso.
Mas quando sinto em ti alguma cousa vaga
e ha uma nuvem qualquer no teu olhar,
é que me vem o horror deste rastro em que piso.
Porque é que não cheguei em primeiro logar?!...

Á TUA ESPERA

Vou tornar a ver-te em breve!
Sinto a saudade tão leve
como um contacto de flor.
A distancia está vencida,
tanto se prende este amor
aos braços da minha vida!

Já nem sei se estás ausente.
Tenho-te nalma presente,

esqueço tudo ao redor!
Parece que te ouço a fala:
quedo, timida, a escutal-a,
sei tuas phrases de cór...

Quando estás junto de mim
— não sei porque sou assim! —
penso que tens de partir...
E quando estás longe, penso,
no meu desespero immenso,
que és bem capaz de não vir...

Fico a esperar-te toda hora
como a noite espera a aurora,
toda nada em seu carinho...
Foi-se, branca, a última estrella.
Ah! Si eu pudesse accendel-a
para alumiar-te o caminho!

Bem quizera em minhas preces

teu caminho todo enchel-o
de rosas a trescalar.
Para que ao chegar dissesses
sem perceber meu desvelo:
— "Foi tão fácil te encontrar!"

O ESTIGMA DO SILENCIO

Hoje que tudo sei, que me disseste tudo,
hoje que sou feliz pela revelação,
tenho um desejo de retroceder.
Todo esse tempo em que estiveste mudo
de tal modo o cerrei dentro do coração,
que já faz parte do meu ser.

Si eu pudesse volver ao periodo inicial
levando a confissão que finalmente veio

e, desprendida desse enleio,
pude se eu ver no amor uma cousa normal
sem a amargura que o silencio trouxe,
eu teria mais vida, eu seria mais doce...

E si alguem te disser que me falta alegria,
responde: — "Fui eu mesmo..." Ai! aquelle que amar
não espere que o amor chegue á melancolia
para depois falar.
Diga que ama,
diga que tem a alma em delirio, o peito em chamma,
diga tudo o que vier á bocca allucinada,
mesmo que apenas sôlta a phrase fugidia
já não sinta mais nada!

FRAGIL AMOR

O nosso amor é frágil como a nevoa
que se desfaz ao sol pela manhã.
Toda a ternura da minha alma, levo-a,
mas se esvae no caminho, porque é vã...

Si ao longe os olhos scismadores ponho,
perco-o de vista: foge para o mar...
Mas si te fito, acaso, o olhar tristonho,
sinto-o boiando á flor do meu olhar...

Fulge dentro de nós por um momento,
mas porque é todo de perfume, passa,
leve como uma pluma entregue ao vento
ou a interrogação de uma fumaça.

Devaneio e langor de horas subtis,
sonhar comtigo é tudo quanto quero.
O amor que faz a gente assim feliz,
provavelmente, não será sincero...

Na verdade, si é frágil este amor
é que a gente na vida, sem querer,
tem uma historia por compor
e outra, por esquecer...

A ESCOLHA

Não me venhas falar de uma tranquillidade
que não terei jamais ao pé de ti.
Lembra-te que entre o amor e entre a felicidade,
foi o amor que escolhi.

Quando a vida chegou, ha pouco tempo ainda,
— era triste e era boa, era quasi que linda —
longo tempo falou dos presentes que trouxe:
— "Terás duas cidades a escolher.

Numa, a paz é mais ampla, a quietude mais doce,
noutra a dor mais intensa e mais fundo o prazer.
A primeira é renuncia, esquecimento, calma.
Não tangem nunca os sinos de ouro da cidade,
nem o vento, siquer, ousa tocar nas flores.
Felicidade... Felicidade...
Não acharás, jamais, por mais longe que fores,
um ambiente melhor para o repouso da alma.

A outra, num turbilhão, ora ostenta bandeiras
de fogo, ora se envolve em negros véos de lucto.
Nesta cidade, ao luar, quando o vento se agita
e estorce a ramaria em flor,
— escabellada e afflicta —
ha uma sombra a carpir durante horas inteiras.
Mas de repente, para o olhar enxuto,
rompe o sol no esplendor de uma nova alegria.
Então, ha um mundo, ha um cáos, ha um céo de risos
[loucos,
ha um oceano de luz que afoga a gente aos poucos...

E depois da apotheose, outra vez a agonia...
Mãos de adeus a acenar para o horizonte nú...
Amor! Amor!
A cidade onde o beijo é o pão de cada dia.

E preferi o amor, porque o amor eras tu!

BRINQUEDO

Desde o principio foi brinquedo: amigo, amiga...
E eu te contei os meus segredos um por um.
Tu, que trazes no olhar tanta lembrança antiga,
não contaste nenhum.

Quando das creanças nos rodeou, curioso, o bando,
tu estavas sorrindo, eu estava chorando...

Para os meus olhos enxugar disseste: "Vem!
Tu, que és boneca, sobe aos hombros do gigante!
Vamos num sonho por ahi alem,
ao luar, em busca de um paiz distante."

Voltei sozinha pela escuridão.
Quando quiz regressar, nem me estendeste a mão.

Veio depois a cabra-cega. A toda a gente
para tanger teu vulto esquivo abri meus braços.
Tua voz desnorteava. E quedei, finalmente,
sem saber de onde vinha o rumor dos teus passos.

Quando de novo ao sol pude levar os olhos,
em tudo quanto punha o olhar só via escolhos.

Mais tarde então foi a ciranda: — "Sou o vento!
E's a roseira mais formosa para mim.
Si rodopiasses, que deslumbramento!"
E o dia inteiro rodopiei no meu jardim.

Quando a noite baixou, estirada na alfombra,
da roseira que eu fora, era apenas a sombra.

Queres agora pôr um annel no meu dedo.
Não sei si digo sim ou não... talvez...
Mas afinal é simples o brinquedo.
Quem sabe si vou ser mais feliz desta vez?!

PRESENTIMENTO

Ha qualquer cousa neste olhar que foge ao meu.
Ha qualquer cousa neste olhar que ao meu se es-
[fuma.
Ha qualquer cousa em ti que se perdeu!

Curva de estrada muito ao longe á hora da bruma.
A última sombra desappareceu...
Vai para o oceano de onde veio a onda de espuma...

Rondam cyprestes pela noite, uivando em côro.
Superstição de mãos cruzadas. Quem morreu?
Pios de môcho na distancia... Máo agouro...

Montes de ruinas... Pensamentos de sol-por...
Mas que desgraça foi que succedeu?
Tuas olheiras são corôas de defunto...

Ha qualquer cousa... E no entretanto, ó minha dor,
não te pergunto cousa alguma, não pergunto,
por compaixão e por amor do nosso amor!

CANÇÃO PARA ENTRISTECER

Que fui eu, afinal, na tua vida?
Fui um raio de sol para tua alma.
Fui um raio de sol e uma nuvem, tambem...
E' tão profundo o meu olhar! A voz, tão calma!
Que fui eu mais?... Alguma cousa indefinida,
um perfume subtil que ao longe esvoaça,
um perfume subtil á claridade baça
de uma tarde de chuva em que se espera alguem...

Quando passei, pelo crepúsculo, sonhavas...
A emmoldurar-te a cabelleira em desalinho
vinha do poente uma corôa de ondas flavas.

E eu disse, então: — "Ai! quem me dera encher teu
[sonho!
Fechar os olhos para a vida, de mansinho,
e abrir a vida para o teu amor!
Ai, quem me dera ser teu canto mais risonho,
ser sombra no verão, na primavera, flor;
ser sombra e flor na primavera!
Ai, quem me dera, quem me dera, quem me dera!..."

— "Felicidade"! Foi teu grito de alvoroço..
Porém depois baixando a voz tu me disseste:
— "E's tão linda e tão frágil! Sou tão moço!
Vieste cedo demais. Para que vieste?...
Deves ficar entre as estrellas, distanciada,
que a mais longinqua ha de ser sempre a mais amada."

Como uma lágrima que se dilue.
vou arrastando o meu destino pela dor.
Fui teu sonho de amor, mas teu amor não fui.
Felicidade nunca pode ser amor.

TRIUMPHAL

Vem de longe esta voz que me inebria.
Todo o jardim ao vento estremeceu.
Ergo os olhos á luz e abro os braços ao dia,
porque o meu sonho reviveu!

Brilham insectos no ar como fragmentos de astros.
Por sobre o vulto da montanha paira o meu.
No esvoaçante aranhol dos cabellos desnastros
eu tenho do ouro que ninguem tangeu!

Nuvens e rosas se desfolham numa oblata.
Quem é que traz esse perfume igual ao teu?
Como um berço de renda a manhã se desata,
porque o meu sonho renasceu!

Respiro o azul do meu perdão. Oh! Como é doce
saber perdoar pelo que o amor não deu!
Que alegria de verde o mar não trouxe
depois que a vela desappareceu!

Cubro-me toda de trophéos. Quem teve tantos?
Quem soube amar o seu amor como eu?
Grito a minha victoria aos quatro cantos,
porque o meu sonho ainda é maior que o teu!

QUIETUDE

O meu amor já não scintilla,
já não se expande o meu amor.
Estou serena, estou tranquilla...
Não é a hora do sol — pôr?...

Minha alma assim nesta quietude,
quando os meus olhos vens fitar,
não se deslumbra, não se illude:
toma expressões de lyrio ao luar.

Sou como um pássaro que esconde
entre as plumagens a cabeça.
Deixei meus cantos não sei onde,
faz frio em volta e a nevoa é espessa...

Meu coração é como um lago:
a agua que dorme nem marulha.
De tarde, ás vezes, muito vago,
um cysne vem, sem fazer bulha.

E eu ólho a esteira azul-celeste
que me annuvia o olhar tristonho.
Ai, meu amor, tu bem disseste:
ha uma mentira em cada sonho...

Não fales mais. Silencio. Entraste
na minha vida sem falar.
Deixa uma flor ao menos na haste
para a illusão crepuscular.

O ÚLTIMO GESTO DE DOÇURA

Pouco a pouco se extinguè a doçura de outr'ora
que fazia de mim uma sombra e um perfume,
dentro do teu verão.
E' que chegou de vez a hora do termo, esta hora
em que o sonho se cansa, em que o amor se resume
numa recordação.

Pois que tens de partir é melhor que te vás
antes que se envenene o ar azul do recinto

que foi céo para nós.
Neste ambiente feliz de ternura e de paz
onde não se bebeu uma gotta de absintho,
não se levanta a voz.

Si a impressão derradeira é a que traz plenitude,
venha o ponto final. Porque emquanto nos vemos,
ambos na mesma estrada,
de um momento para o outro esta palavra rude
que marca a ferro e fogo os instantes supremos,
poderá ser lançada.

Vá comtigo a lembrança ideal de uma creatura
que te amou, que te quiz, que te soube ser fiel
e acreditou em ti;
que foi simples e mansa, doce e pura,
que preparou teu pão — tantas vezes! — com mel
e que ainda hoje, sorri.

Que fez mais do que pôde e soffreu e luctou

para transfigurar tudo quanto sonhaste,
e acha pouco o que fez;
que hoje pede perdão pelo que te faltou:
a rosa que pendia a balouçar-se na haste,
tinha espinhos, talvez...

E' possivel que uma outra ainda pudesse amar-te.
A mim, que esperei tanto e não posso illudir-me,
surge nova clareira.
A alma que conheceste é uma só, não se parte:
Quero-a hoje tão nova, esperançada e firme,
como na hora primeira.

A mostrar-me diversa e menor do que fui,
a ser deante de ti uma sombra do que era,
prefiro nada ser.
O verdadeiro amor nunca se diminue:
morre como viveu, cheio da primavera,
do sol que o viu nascer.

HORA ETERNA

Esta noite, nem sei... Tenho a janella aberta
e não quero dormir para sentir a vida.
Nem um vulto, siquer, pela rua deserta.
E ao ver a lua no alto, entre nuvens erguida,
penso que não existe um poder transmissor
que mais fale da morte e mais fale do amor.

Pois o luar, que illumina amplos jardins em festa,
ha pouco andou de rastro, a lamber lageas frias.

Por isso é que tão cedo a alegria se cresta
e ha, na pompa nupcial dos grandes dias,
luxo de exequias e quebrar de taças.

Vida que esplendes porque passas!...

Quero viver, sentir num turbilhão
dentro do pensamento a certeza deste eu.
Soffra embora — que importa? — o corpo fatigado,
quero vida, mais vida, alma, renovação,
força para reter tudo que o céo me deu,
capacidade para amar o que foi creado!

Vida que esplendes, porque passas,
e que és amada, porque findas!...

Ser em ti, por ti mesma, aspirar-te, sorver-te,
integrar no teu ser todas as cousas lindas,
adivinhar em ti o atropello das raças,
subir comtigo aos pincaros, num grito
da vontade que doma a attracção do infinito,

transpor-me, presa do teu hausto,
e um dia, em frente ao sol, de subito perder-te
e rolar pelo cáos, como um pássaro exhausto!

Ha de chegar o dia em que em todo o universo
não restará de mim nem uma poeira de ossos.
E, como hoje, tal qual, haverá noite e lua,
e um vulto a uma janella e um soffrimento e um verso,
e um sabor de imiscuir desejos e destroços,
e este estranho prazer, que me exalta e extenúa,
de surprehender o ruido timido de uma asa,
de ver a sombra que se alastra pela casa,
de beber o perfume e a humidade de fóra,
de ter vertigens quando o somno aos outros basta,
de ser só como um deus dentro da noite vasta,
de ser eterna por uma hora,
de viver, de viver!...

ORIGEM

Venho do mar! Trago na concha dos ouvidos
o canto da agua quando alcança a areia
e o rumorejo dos coraes no fundo.
Soffro a saudade dos bateis perdidos
e, como a vaga que se desenfreia,
leva-me a sede de espraiar-me pelo mundo.

Venho do sol! Trago nos olhos o esplendor
das madrugadas em rebento

quando se acorda do primeiro somno.
Feliz pela manhã, triste ao sol-por,
nestes cabellos, que desfaz o vento,
sinto a noite descer num gesto de abandono...

Venho do azul! Não sou da terra, quando penso.
Trago nas veias enlaçadas a fumaça
do céo, e o céo no sonho em que me agito.
Meu vulto leve, que é um thuribulo de incenso,
a cada dia se adelgaça
como a se preparar para um vôo infinito.

Venho do azul, venho do sol, venho do mar.
Fui nuvem, fui clarão, fui onda. E assim,
esta ansia de ascender, de fulgir, de cantar,
é a vida universal que arde dentro de mim!

NA ENCRUZILHADA

Na encruzilhada
parei. Que cousa estranha!
A lua sobre a varzea numa estrada;
e noutra estrada o sol sobre a montanha.

O caminho da gloria e o caminho do amor.
De um lado, á orchestração dos pássaros em côro,
é a manhã que levanta o estandarte da côr,
é a luz que as asas sólta e enche as piscinas de ouro.

E em frente, na embriaguez do mais suave dos vinhos,
dorme na sombra a noite. Ao contacto de pennas,
cada galho a abrigar uma porção de ninhos,
dormem as arvores serenas...

Pela encosta em que o dia em rumores se expande
sobem, de aureolas sobre a fronte altiva,
vultos que são como clarões, tão grande
é o resplendor que os criva.

Na planicie em que a noite os membros esmorece,
— como num templo immenso,
deslisam, par a par, as mãos postas em prece,
visões tão leves como incenso.

Indecisa na escolha, o peito deslumbrado,
abysmo o olhar por esta scena.
Paira um gesto de súpplica de um lado;
e do outro lado é a multidão que acena.

— Felicidade, por onde ir para te achar?
Toda a gente que ahi vae de extremo a extremo, em
[chamma
o peito, a bocca em riso, em luz o olhar,
é feliz porque reina ou é feliz porque ama.

Mas que vejo?!... Esta gente, a mesma, volta,
a alma de lucto, a veste em desalinho,
tendo o remorso e a treva por escolta,
na certeza infeliz de que errou o caminho.

Si a gloria não nos trae e nem nos trae o amor
dos dias atravez, ó suprema irrisão! —
porque é que em tudo existe a dor
das estrellas do céo ao pó do chão?...

E é porque olhei demais a vida que começa,
que assim tão cedo, á espera do porvir
sinto, em cada desejo, a sinistra promessa
do desengano que ha de vir.

CARNAVAL

Era uma vez (porque será que era uma vez
dá logo a idéa de uma historia muito triste?)
em noite que tambem de máscara se fez,
a sombra de Pierrot num muro que inda existe.

A contemplal-o do balcão cingido de hera,
a alma a vibrar como si fosse um bandolim,
eu me senti feliz porque a sorte me dera
Pierrot, quando nos dá quasi sempre Arlequim.

Horas a fio, na embriaguez que me envolveu,
a olhar sem ver o seu olhar,
como si aquelle amor já fosse o meu,
fiquei á espera de que viesse o luar.

Mas quando o luar rompendo o véo da fantasia
o vulto frágil como um sonho illuminou,
dei um grito de dor emquanto elle fugia:
era Arlequim vestido de Pierrot!

FILHO DA MINHA TERRA

Tu, que trazes na voz o fragor das cachoeiras,
ora em gritos de triumpho, ora em tons de lamento,
entre a neve do luar e o calor das soalheiras,
traes, no gesto irrequieto, a inconstancia do vento.

Na indecisão que surge entre a eterna esperança
e esta melancolia, a que a alma tens disposta,
és bem como o Brasil que para o mar se lança
e se retráe, de súbito, na costa.

Dentro de ti, ha surtos de montanhas,
em cujos cimos se abrem cruzes de azas;
fundos abysmos cavam-te as entranhas
e em planicies intérminas te arrazas...

Desabrocham-te aos pés as rosas, quando esmagas
contra esse peito o amor, — palma dos teus martyrios.
Si alças o olhar, porém, a mais longinquas plagas,
as estrellas, que vês, são brancas como lyrios.

Tumultuando ao sabor da vida, a que te expões,
como um rio caudal que se desemmaranha,
ora te pesa no hombro a mudez dos sertões,
ora ouves da floresta a vozeria estranha.

Porque, ao nascer, ouviste a cantiga das violas
e tens os nervos como cordas de aço,
no ideal de bandeirante, em que o peito acrisolas,
é o sonho, mais que a luz, que te dirige o passo.

Num perpetuo vae-vem, ora suave, ora rude,
tanto pela manhã teus favores derramas,
que é tua sombra, á noite, em severa attitude,
como um tronco sem ramas.

Quando, alheio ao presente, em que tens tudo quanto
desejaste possuir, ante a nuvem que passa,
achares que o passado é que continha encanto,
lembra-te que a saudade é o destino da raça.

E' de vêr-te, ao romper das madrugadas claras,
alagada de suor a fronte invicta,
recurvo sobre a enxada, a preparar as seáras,
como um poeta, que sonha, e um sabio, que medita.

Ao céo escampo, assim, quando todo te encerras
Dentro da natureza, — és mais bello e feliz,
tu que nos olhos tens o ouro das tuas terras
e na tez requeimada o sol do meu paiz!

TAÇA VAZIA

A um capricho, talvez, da adversidade,
veio-me um dia ás mãos, clara e intangida,
a taça de ouro da felicidade.
Aberta, emfim, minha alma á belleza da vida,
vendo mais gloria em mim do que luz no arrebol,
senti dentro do olhar como que um novo sol.

Toda a ansiedade humana em meus sonhos ardia.
E era tão fresca, era tão pura aquella taça,

tanto perfume o estranho liquido esparzia,
que eu, esquecida de que a sede passa
para depois voltar ainda mais douda,
esvaziei num só trago a taça toda.

Eu dominava o mar do alto de uma montanha
e me vi num deserto, de repente.
Desde então ha uma sombra atroz que me acompanha,
a dizer-me esta phrase ironica e inclemente,
numa voz de caverna onde não entra o dia:
— "Que has de agora fazer dessa taça vazia?!"

ESTATUA

Já' não sou mais da terra. Eis-me entre as nuvens.
[Paire
ao derredor de mim a solidão da altura.
Cesse o ruido
do oceano. Desvaneça-se o donaire
das montanhas. Aragem, por mais pura
que seja, não me venha acordar o sentido.

Não se insinue em volta sombra alguma

que me faça lembrar a dispersão de outr'ora.
As derradeiras flores, vento, esparze-as
sobre a cinza dos idolos. Mais uma
arrancada e de vez ha de raiar a aurora
e hão de fazer silencio as varzeas.

Um dia acreditei que havia fel no pranto.
Pelos que vi chorar, puz-me a caminho.
No entanto,
detraz de cada
máscara impressa no meu linho,
torcia-se uma gargalhada.

Pensei então que o riso era mais verdadeiro.
Fui ás festas da luz ao ar livre entre as rosas.
Mas quantas vezes, ao clarão primeiro
do sol que vem por um atalho
pude ver, aturdidas e vaidosas,
as proprias rosas escondendo o orvalho.

Amei as minhas illusões, o quanto pude,

os perfumes subtis, a música, o ermo
em que a gente recorda edyllios de hontem.
Hoje minha alma não se lembra nem se illude.
E antes que as trevas para o abysmo apontem,
a cada sonho o meu orgulho marca um termo.

Agora, sim. Tóco regiões supremas.
Falo por symbolos. Alçar-se ao nivel
da minha perfeição, quem ousará jamais?
Libertei-me de auréolas e de algemas.
Mas ficou na minha alma o desejo impossivel
de igualar minha dor á dos outros mortaes.

OLHOS TRISTES

Olhos mais tristes ainda do que os meus
são esses olhos com que o olhar me fitas.
Tenho a impressão que vae dizer adeus
este olhar de renuncias infinitas.

Todos os sonhos que se fazem seus
tomam logo a expressão de almas afflictas.
E até que um dia o cegue a mão de Deus,
será o olhar de todas as desditas.

Assim parado a olhar-me, quasi extincto,
este olhar que de noite é como o luar,
vem da distancia, bêbedo de absintho...

Este olhar que me enleva e que me assombra
vive curvado sobre o meu olhar
como um cypreste sobre a propria sombra.

ALMA AFFLICTA

Presa entre as margens do barranco,
a alma a esplender ao sol do estio,
pedras revolvo e hastes arranco,
porque a minha ansia é como um rio.

E quantas vezes, ao luar branco,
longe do mar que em sonho espio,
nas proprias lágrimas estanco
a inanição, a dor, o frio...

Sou como a vaga: ergue-se á tona,
espumas leves abre no alto,
e de repente desmorona...

As grenhas dagua em vão sacudo:
como a cachoeira, assim, de um salto,
pudesse eu ver o fim de tudo!

POEIRA DOS DIAS

A illusão é um pretexto para a vida.
E, dentre todas as verdades, esta
é a mais inutil para o coração.
A alma da gente sempre anda esquecida
de que, das illusões passadas, resta
sómente o estigma da desillusão.

Tudo, os dias compensam... No entretanto,
quando o teu sonho emerge da penumbra,

pensas que viverás por elle apenas.
Chegas a imaginar, tonto de encanto,
que, a não ser a illusão que te deslumbra,
nada existe que valha as tuas penas.

Depois que a perdes — pois que cedo ou tarde
tudo se perde, realizado ou não —
talvez sorrias de intimo prazer.
Porque no fundo — coração covarde —
nada em ti se transforma, que a illusão,
a que te importa, apenas, é viver.

A IRONIA MANSA DA MINHA TRISTEZA

Menos um sonho. E é só. Amanhã — quem duvida?
outros sonhos virão procurar este tecto
onde a doçura é humilde e ampla a tranquillidade.
Sou hoje a mesma que fui sempre. A vida,
por mais que me torture o desejo incompleto,
não consegue nublar minha serenidade.

Fui sempre assim, de gestos suaves e voz lenta.
Minha tristeza, que é uma simples attitude,

sempre consola, nunca se faz dor...
Tudo quanto a minha alma experimenta
da hora mais encantada ao momento mais rude,
toma logo a expressão do meu rythmo interior.

Desillusão que chegas, quem te disse
que me entristece teu contagio? Tem cuidado!
Desillusão... Desillusão...
Antes o teu olhar nunca me visse:
E's capaz de levar, por teu peccado,
uma tristeza a mais no coração...

Quem sonha assim como eu, quasi por vicio,
por um motivo de belleza, por destino,
sabe que pouca cousa é um desengano...
Alvo de ouro que és hoje o meu sonho propicio,
olha que te previno:
folhas de arvore vão, voltam outras para o anno...

Talvez que um dia, vagamente pensativa,
a arvore se recorde e pergunte baixinho:
Que fim levou aquella folha do meu galho?
Terá morrido, será viva?
E alguem que for passando acaso no caminho
verá fulgir na sombra uma gotta de orvalho.

JUNTO ÁS PRAIAS

Pelas manhãs, ao sol, quando o verão palpita
e cascateiam rios de ouro no ar,
plena da ansia infinita
que não cabe na terra e acha longinquo o céo
— como si entre a alma e Deus se estendesse algum [véo —
lá vou eu para o mar.

Livre do peso dos meus sonhos, livre emfim,

desta idéa de ser, que é uma algema constante,
sinto-me outra creatura ao ver, logo á chegada,
num delicioso torvelim
de espumas brancas vir, no mesmo instante,
todo o esplendor do mar numa revoada.

A sentir nos pulmões o contagio profundo
do ar das praias que é como a alma da Natureza,
a gente nem siquer imagina que exista
alguma cousa mais para lá deste mundo
cuja inteireza
está no plaino que se avista.

Horas longas entregue a um tumulto sem pausa
eu, que ainda ha pouco enlanguecia á espera
de cousas vagas,
num desconsolo de que em vão pergunto a causa,
sou a vida, no ardor que de mim se apodéra
ao clarão da agua verde e á cantiga das vagas.

Semi-cerrando o olhar á caricia da aragem
emquanto ouço um rumor de serpentinas
sobre o tablado liquido do oceano,
parece-me que vou dentro de uma carruagem
de nervosos corceis, entre plumas e crinas,
á mais pomposa festa de todo o anno.

E emquanto ardem topazios sobre a areia
e esmeraldas se expõem na superficie, em torno,
a instigar esperanças,
ás flamulas que o sol de longe hasteia,
alvorescente e morno,
paira um que de combate ao compasso das dansas.

Com que prazer, então, com que alvoroço,
deante da onda que avulta como um forte,
galgando o coração dentro do peito moço,
a gente a afronta e toma-a de vencida
para experimentar a sensação da morte
e volver com mais garbo á victoria da vida!

CONVALESCENÇA

Depois que se cansou minha pobre saudade
voltei a ter a alma tranquilla.
E é tão simples, tão doce esta serenidade,
que só de a ver chegar se me enxuga a pupilla.

Ha qualquer cousa em mim como suave promessa
que fica sem falar longas horas a fio.
Não sei bem onde acaba e nem onde começa
esta convalescença, assim, por este ar frio...

Do que se foi só resta uma lembrança vaga,
tão vaga que me foge ás vezes da memoria;
porque não ha ninguem, afinal, que não traga
lá de longe a lembrança vaga de uma historia...

E a minha com certeza ha de ser tal e qual
a de quem corre atraz de uma bolha de espuma,
e quando pensa que attingiu o ideal
vê que guarda nas mãos — cousa nenhuma...

Hoje ólho a vida assim com desengano
da creança que ficou largo tempo a estudar
e, quando volta aos seus brinquedos no fim do anno,
já não sabe brincar...

O MOMENTO OPPORTUNO

Vem de fóra até mim uma onda bôa
de mansidão e de doçura.
A penumbra não tarda. Uma garôa
tranquillamente pura

veste a paizagem de uma nodoa quasi
imperceptivel. D'aqui desta janella
vejo-a, mais tenue do que gaze
fluctuando ao longo de uma tela.

A olhar a chuva, toda me concentro;
desfia no ar a seda fina em meadas;
e, ao seu contagio, pelo parque a dentro,
ha uma chuva de rosas ennevoadas.

Cabeceiam corollas, tontas. Certo,
é o vinho claro que beberam. Quando a chuva
começou a cahir aqui por perto,
trazia um cheiro delicioso de uva.

Vinha alegre, cantando. Vinha rindo
como si fosse louca. Abria os braços
num gesto serpenteante e lindo,
a farfalhar rendas e laços.

Está mais triste agora e, por isso, mais branda.
Perde a força, abandona-a á medida que cae.
Penso que assim é teu destino — sonho que anda
sem saber onde vae...

Sonho que vem chegando ao coração da gente,
devagarinho, a espiar, canto por canto.
Não ha repulsa, aliás; é indifferente...
Quando a chuva se for, quebra-se o encanto.

Pobre sonho! Confuso, humilde, vão.
Que mal faz acolhel-o por uma hora?
Outro podia ser fatal. Mas este não...
Quando a chuva se for, ha de ir-se embora.

Põe-se a dizer loucuras — só de creança!
Diz, por exemplo, que fui sempre o seu amor.
Sinto uma vaga desconfiança:
é capaz de ficar, quando a chuva se for.

AQUELLE QUE NÃO SORRIA

Triste era o meu amor, como quem vae partir
e o adeus inútil nunca desenlaça,
a prolongar uma agonia.
Toda entregue á illusão, quiz fazel-o sorrir.
E, embora para mim seja a alegria escassa,
ergui nas mãos a minha pouca de alegria.

Elle, volvendo o olhar a paragens distantes,
ficou mais taciturno e mais triste do que antes.

Desci depois ao proprio coração
para ver si encontrava um presente melhor.
No coração ha sempre um thesouro escondido.
E foi de joelhos, numa adoração,
que, trazendo no olhar tantos poemas de cór,
pude offertar-lhe o meu silencio commovido.

Elle me olhou nos olhos por instantes
e, talvez sem achar os prenuncios da lava,
não comprehendeu o amor com que o amava
e ficou mais calado e mais triste do que antes.

Deitei-lhe aos pés meus sonhos todos como incenso.
E porque elle era rei
trouxe-lhe de bem longe uma auréola de estrellas.
Do alto do seu orgulho immenso,
não fez um gesto para recebel-as.

Cravou o olhar nas ondas inconstantes
e ficou mais calado e mais triste do que antes.

Um dia eu quiz falar. Mas falar para que?
As palavras são vãs, quando a renuncia é pouco.
Nem ha de ouvir, por certo, aquelle que não vê.
Mas a razão no amor tem sempre desenganos.
E revelei-lhe emfim no impeto louco
de uma prisão que se partia,
tudo quanto fizera longos annos
para dar-lhe um minuto de alegria.

Elle escutou surpreso a minha phrase tonta
como se visse o sol quem nunca o viu.
E, o olhar mais rútilo que o sol quando desponta,
sorriu...

GUISOS DE OURO

Mas como acordei cedo! E que manhã, que ar puro!
Que foi que aconteceu? Nada de extraordinario.
Nada de extraordinario, é verdade. E no emtanto
está mais bello o sol, está mais bello, juro.
Chega a dar a impressão de que é um novo scenario
esta paizagem que conheço tanto.

Ha quanto tempo não sentia um prazer tão intenso!
Sonhos bons esta noite? Oh! Mas não é por isto...

Acontece-me ás vezes, acontece
ficar alegre assim, sem o minimo senso,
de um modo são, jovial, delicioso, imprevisto,
cuja causa a propria alma desconhece.

Põe-me tonta, febril, quasi que douda,
o redemoinho que me toma.
Que desejo de voar ao léo, sem directriz,
de ir pelo mundo afora a desfazer-me toda
em música, em sorriso, em graça, em luz e aroma,
porque afinal de contas sou feliz!

Nervos? Talvez. Sei lá! Toda a sabedoria
manda que a gente acceite o que lhe toca.
Ha mais encanto ás vezes no que é falso.
Para que perguntar o porque da alegria
si a realidade por mais linda nos suffoca,
si é que não foge ao que lhe vae no encalço?

Sinto-me tão feliz que não sei, nem me esforço
por saber, na expansão que a alma já não contem,
onde as flores estão, onde fica a raiz.
Tão feliz, que me prende o exquisito remorso
de ter pensado, acaso, ou de ter dito a alguem,
algum dia, talvez, que não era feliz.

QUANDO TENHAS DE VIR

Quando tenhas de vir, Amor, que escolhas
o recanto mais vago, a hora mais linda.
Pesam ao galho verde tantas folhas
e estou ansiosa pela tua vinda.

Quando tenhas de vir, escolhe o instante
em que a tristeza paire leve no ar.
Ao crepúsculo, a sós, o olhar distante,
é quando a gente principia a amar.

Sôem teus passos harmoniosamente
Insinua-te aos poucos. Sombra e calma.
Tenho horror que tu chegues, de repente,
e não encontres alma na minha alma.

Que eu fique sem saber quando é que vieste,
quando é que a luz se fez ao nosso olhar.
Seja assim como a nevoa azul celeste
onde a curva do céo se une á do mar.

Fecho os olhos á espera. Desce a tarde.
Está tranquillo o parque envolto em bruma.
Perpassa a brisa sem fazer alarde,
sem assustar no ramo ave nenhuma.

Seja assim nosso enlevo: manso, quasi
imperceptivel para o derredor.
Que ande musica ou verso em cada phrase
para que eu possa comprehender melhor.

E emquanto as flores dormem, sem saber
que doce aroma trescalando estão,
que me desperte brandamente o ser
um beijo suave sobre a minha mão.

EXCELSIOR!

De onde veio este anseio, este incontido anseio
de ascender sempre mais para attingir o Ideal?
Quero beijar a sombra de onde veio
porque o vôo de agora é o meu vôo triumphal.

Subir de uma só vez pela amplidão acima
para tanger aquillo que se quer,
quando a alma pede espaço e a vida nos anima,
é vencer de antemão, que a victoria é mister.

Subir, no coração tendo a lembrança cara
das palavras de amor que alguem disse em segredo,
é ter um talisman que protege e que ampara
das fadigas, da dor, e do frio e do medo.

Subir, tendo no olhar a visão do infinito,
tendo sobre a cabeça uma benção materna,
é saber que a illusão deixa de ser um mytho,
que a ventura de um dia ha de tornar-se eterna.

Subir! Mas para que subir? Em toda a esphera
não se pode, afinal, ser feliz de outra forma?
Ser feliz para esta alma é subir! Quem pudera
estancar minha sede e traçar-me outra norma?!

Ascender ainda mais, tornar-me bella,
para que os olhos teus numa attracção
sigam por onde eu for: — "Que estrella é aquella
deante da qual as outras morrerão?"

E quando um dia, emfim, tambem chegares
a dominar teus mundos interiores,
que o nosso vôo empós de novos lares
lembre o vôo sereno dos condores.

O RETRATO

Que tenho eu esta tarde? Que tenho eu
que procuro explicar e não consigo?
Quiz trabalhar, não pude; ler, não pude.
Abri o piano, o piano emmudeceu.
Uma carta, quem sabe? — "Meu amigo"...
Qual! Hoje não. A penna hoje está rude.

Olho em torno de mim buscando ensejo
de me tornar esquiva a esta obsessão.

Por sobre a mesa, imperturbavelmente,
o teu retrato, que conheço de sobejo
e que não muda de expressão
olha-me bem de frente.

Ora, afinal, este retrato irrita.
E' sempre o mesmo. Não responde nada
ao desvelo constante com que o trato.
Absoluta mudez. Calma infinita.
Queres saber que mais? Estou cansada
deste retrato!

Si elle ao menos falasse qualquer cousa,
um "bom-dia" que fosse, quando o tomo
entre as mãos de manhã, quando lh'o digo,
illudida a espreital-o... Mas não ousa!
Queda impassivel, gélido, hirto, como
si não tivesse nada a ver commigo!

Examinemol-o de perto. O olhar, que diz?
Limpido, elle é. Bello, tambem. Ardente e moço

não se pode negar que o seja. E então?
Aguço o ouvido mais. Dir-se-ia que o ouço:
— "Minha amiga, não vês que sou feliz?
Não sentes que é por ti que ardo neste clarão?

Não te parece que ando embriagado de vida
unicamente pelo facto
de haver aprofundado um dia o teu olhar?
Não percebes que tenho a alma aturdida
de sonho, embora seja apenas um retrato
que não perdeu, comtudo, o direito de amar?..."

Fala outras cousas mais... Em verdade, é surpresa!
Sobre o tedio de ha pouco, a alma aos poucos se
[expande.
Mas o que agora me faz mal
é imaginar que não encontro mais defesa:
pois si o retrato tem um prestigio tão grande
que não será do original?...

RECOLHIMENTO

Das phrases todas que me trazes
pela palavra ou por escripto,
nenhuma guardo como as phrases
que no silencio me tens dito.

Quando me falas de um amor
sem declarar que amor é este,
o teu olhar muda de côr
e sei de tudo o que escondeste.

Já não desejo ver de perto
o sol que aclara tua estancia:
porque o meu sonho é um céo aberto
e o azul se faz pela distancia...

Si quando vens, tambem pelo ar
perfumes bons vêm para mim,
que é que me vale perguntar
si ha muitas flores no jardim?

Não é no instante em que me falas
que mais te expandes e revelas:
quando me fitas e te calas
as tuas phrases são mais bellas.

Ai! Si eu pudesse começar
o amor, de novo, que prazer
em presentir que ias falar
e não achavas que dizer...

Brilhem as phrases como estrellas,
reviva o esmero com que as lavras,
sempre o silencio ha de vencel-as
que o amor melhor não tem palavras...

CERTEZA PLENA

Tenho a certeza plena deste amor
que nem sempre deu flores para mim
mas criou raizes dentro do teu peito.
Bastou que eu visse apenas uma flor
da árvore que dá sombra ao teu jardim,
para sentir que o sonho estava feito.

Porque o teu rastro me resalta á vista,
mesmo atravez da bruma das distancias

nunca deixei de ver-te em toda parte,
com estes olhos de espiritualista
que não choraram pelas proprias ansias,
mas que choraram para consolar-te.

Si não fosse a certeza que me prende
no magnetismo de uma força occulta
para ler-te nas mãos, como um fakir,
num paradoxo que ninguem comprehende,
este amor que ante a fé palpita e exulta,
já teria deixado de existir.

Vem d'ahi a ternura que transforma
o meu perdão em acto de humildade
e faz com que eu recolha as tuas faltas,
numa obediencia fiel á mesma norma
de sacrificio e de serenidade,
— como recolho os dons com que me exaltas.

Ninguem pode destruir esta certeza
de que construí minha felicidade,

porque ella vive dentro de meu ser,
encarnada na minha natureza
e, num assomo de temeridade,
na propria vida acha a razão de crer.

Esta certeza que ergo e que alimento,
que no principio foi a minha escrava
e hoje é maior do que eu, porque scintilla,
põe tanto fogo no meu pensamento,
com taes garras no peito se me crava
que nem eu mesma poderei destruil-a!

FRAQUEZA

E' estranho. Cada vez que resolvo acabar,
acontece uma cousa, uma cousa qualquer
que me desarma o gesto e que me abranda o olhar.
A's vezes, nem sei que... Minucias de mulher...

Uma expressão de magua, um rythmo mais profundo
na entonação da voz, uma palavra á toa
— dessas que a gente diz deante de todo o mundo
para os ouvidos de uma só pessoa...

Menos que isto, sei lá! Basta a recordação
de algum olhar mais demorado e lindo,
a lembrança feliz de um aperto de mão
que um dia nos surprehende e nos deixa sorrindo...

O abandono do eu-mesmo, a vontade doentia
de esquecer por alguem toda a nossa vontade,
de ficar sem saber si é ou não fantasia,
de ver alguem mentir quando a voz nos persuade...

Esta vida mais ampla, este socego suave
de ter em quem pensar pelas tardes chuvosas,
de guardar na retina um simples vôo de ave
e de sentir melhor o perfume das rosas...

Este sonho de outr'ora, esta poesia antiga
que guarda o que é fugaz como um vidro de extracto...
O gosto de esperar a mesma letra amiga,
de esconder entre as mãos sempre o mesmo retrato...

Depois... adiar é bom... Si por mal ou por bem
tudo na vida acaba, em lágrima ou brinquedo,
e a nossa historia ha de acabar tambem,
antes mais tarde, meu amor, do que mais cedo...

DE VOLTA

Nunca pensei, quando parti,
que o tempo havia de passar.
Oh! Dentro em pouco ao pé de ti,
trazendo a vida á flor do olhar,
no teu olhar os olhos pôr!

Tornar a ver o meu amor!
Ao pé de mim tornar a vel-o,
ora imperioso, ora submisso,

entregue todo ao meu desvelo
sem reparar, sem dar por isso...

Passou o tempo. Na verdade
é bom viver de uma promessa.
E foi tão boa esta saudade
que fez o tempo andar depressa
enchendo as teias do meu sonho!

Quando estes mezes recomponho
imaginando os que virão,
vem-me a certeza doce e clara
de que não ha separação,
de que a distancia não separa.

Houve um ephemero desvio
durante o qual o pensamento
poz-se a seguir o mesmo fio.
Tenho a impressão, neste momento,
de confidencia interrompida.

A última phrase, indefinida,
em reticencias se esvanece...
Accorde no ar, tenue fumaça,
meditação depois da prece,
sombra de pássaro que esvoaça...

Fico a pensar — com que alvoroço! —
na hora do encontro em que o prazer,
ao nosso idyllio puro e moço
fará de subito accender
a chamma, a graça, a alma, o sorriso...

E já presinto e já diviso,
numa estranheza que me invade,
que o amor vae ter tanto esplendor
para matar esta saudade,
como si fosse um novo amor!

INTEIREZA

Sei que vem para mim qualquer cousa... Que vem
para ficar de vez... Não para me illudir.
O coração espera. Ouço passos de alguem.
Sinos resoam longe annunciando o porvir.

Concentrada em meu ser, entre piedade e espanto,
penso que o derredor não é mais que sobejo;
porque sei que o que vem ha de absorver-me tanto,
que nunca mais verei, como agora, o que vejo.

A penumbra, o silencio, este aroma, estas flores
de que até hoje fiz a alma do meu ambiente,
que serão amanhã deante dos resplendores
que hão de surgir-me á vista de repente?

Si ao presentir apenas a emoção
que terei quando vier esta cousa inaudita
tudo o mais me parece indifferente e vão,
que não será depois da suprema visita?

Quero mais uma vez, reconhecida e calma,
ver como me foi suave a solidão de outr'ora;
pois sem ella talvez não me estivera nalma
tão reconfortadora a alegria de agora.

Tudo quanto me encheu o sonho por instantes
para depois deixal-o ainda mais amplo e vago,
quero neste minuto encarar como dantes
sem que me transfigure este enleio presago.

Mas porque sempre fui predisposta ao futuro,
o que ha pouco era meu, — o que ainda tenho ao lado, —
já se me faz estranho e se perde no escuro,
como si o que ha de vir já tivesse chegado.

VIDA INTERIOR

ALMA NOVA

— A vida é linda como um frasco de perfume

ALMA DE SEMPRE

— que dia a dia se evapora...

ALMA NOVA

— Linda
como um olhar, que a nos olhar, resume
toda a ventura que não veio ainda.

ALMA DE SEMPRE

— Os mesmos olhos, cujo olhar outr'ora
era um vinho a fulgir atravez de um crystal,
tomam agora
bem diversa expressão para nos fazer mal.

ALMA NOVA

— E' linda a vida como um canto. Linda
como um desejo que a esperar não finda.

ALMA DE SEMPRE

— Como um desejo e um canto. Sabes lá
da tortura que vem quando a gente quizera
attrahir pelo canto a esvoaçante chimera
que entre outras se escolheu, sem saber si a terá?...

ALMA NOVA

— A vida é linda como um sonho. Como
uma flor que vae abrir-se em pomo.

ALMA DE SEMPRE

— Como um sonho de amor que hoje, talvez, começa.
Como a flor que amanhã, entre mais flores, faça
a gente mesma rir de uma antiga promessa,
que não logrou ser mais do que uma nevoa escassa.

ALMA NOVA

— Linda, tres vezes linda a vida!...
Como a doçura de se comprehender
sem palavras... Como a doçura indefinida
que impelle brandamente um ser para outro ser.

ALMA DE SEMPRE

— Esta mesma doçura é que amarga depois
e que torna maior a distancia entre dois.

ALMA NOVA

— A vida é linda como o dia de hoje. Vamos!
Agua fresca na fonte, aragem sob os ramos,
jardins ao sol e, entre asas rumorosas
ao vento e á primavera, o bailado das rosas!

Dias de céo azul, noites alvas de luar,
música, adolescencia, infinita expansão,
o enlevo de sorrir, de não pensar
no que ha de duradouro e no que ha de illusão...

ALMA DE SEMPRE

— Palpar depois o engano e sentir todo o peso

do que foi resplendor e se fez experiencia.
A derrubada ao tronco, o vacuo, a decadencia
da volta, o frio em torno ao coração accesso...

ALMA NOVA

— Alma de sempre, és triste.

ALMA DE SEMPRE

— Foi a sorte.
Si tu soubesses, Alma nova, de onde venho!...

ALMA NOVA

— Dize.

ALMA DE SEMPRE

— Do Amor.

ALMA NOVA

— E' bello?

ALMA DE SEMPRE

— E' por isto que tenho esta amarga expressão de quem vae para a morte.

ALMA NOVA

— Mas não é bello o Amor?

ALMA DE SEMPRE

— Talvez seja, talvez...
Mas não vás, Alma nova, á procura do Amor!

ALMA NOVA

— Tu tambem foste

ALMA DE SEMPRE

— Sim. Hoje, sou o que vês:
Um resto de saudade, um farrapo de dor.

ALMA NOVA

— E si pudesses começar a vida
de novo e livremente escolher um caminho,
seguirias acaso o da sombra perdida,
ou aquelle que leva á esperança de um ninho?

ALMA DE SEMPRE

— Não perguntes, por Deus! Sempre a mesma loucura!
Vae para o Amor! Tu tens razão!

ALMA NOVA

— A vida é linda como a ideia pura
que abre clareiras para o coração!

ALMA DE SEMPRE

— A vida é linda, sempre, linda
mesmo quando enganou.
Linda como o perdão que nos descansa,
como o instante em que á dor se diz: "bemvinda",
como a consciencia em paz, como a piedade mansa,
como uma benção para o que se amou!

INDICE

	Pagina
Alvorada de rosas	5
Serenidade	9
Sombra	11
A' tua espera	15
O estigma do silencio	19
Fragil amor	21
A escolha	23
Brinquedo	27
Presentimento	31
Canção para entristecer	33
Triumphal	37
Quietude	39
O ultimo gesto de doçura	41
Hora eterna	45
Origem	49
Na encruzilhada	51
Carnaval	55
Filho da minha terra	57
Taça vazia	61
Estatua	63
Olhos tristes	67
Alma afflicta	69
Poeira dos dias	71

A ironia mansa da minha tristeza..... 73
Junto ás praias..... 77
Convalescença..... 81
O momento opportuno..... 83
Aquelle que não sorria..... 87
Guisos de ouro..... 91
Quando tinhas de vir..... 95
Excelsior..... 99
O retrato..... 103
Recolhimento..... 107
Certeza plena..... 111
Fraqueza..... 115
De volta..... 119
Inteireza..... 123
Vida interior..... 127

Acabado de imprimir na Véspera de Natal do anno de mil novecentos e vinte e nove, nas officinas da Empreza Graphica Editora. A illustração é de Demetrio.